

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Inculturação,
tarefa
franciscana**



Lição 17

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Inculturação,
tarefa
Franciscana**



Petrópolis 2001

Lição 17

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFMCap, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFMCap, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU



Texto das Fontes	5
Como Francisco aprendeu de outra cultura	
I. Introdução	6
II. Visão de Conjunto	8
III. Informação	9
1. Um novo termo para um processo natural	9
1.1. Inculturação pressupõe o reconhecimento da cultura	10
1.2. Algumas tentativas notáveis, porém fracassadas	11
1.3. O fim do tempo colonial como nova chance para a inculturação	12
1.4. Tensão fecunda entre unidade e pluriformidade	13
2. Boa notícia para todos: um único Cristo para todos os povos	13
2.1. Boas notícias também para os não-judeus	14
2.2. A mesma fé em diferentes roupagens culturais	16
2.3. O contexto cultural como solo materno para a fé cristã	17
2.4. Métodos missionários sob o aspecto da inculturação	17
2.5. A filosofia como serva e instrumento da teologia	18
2.6. Culturas marcadas por pessoas vivas	19
2.7. Da Igreja local à Igreja colonizadora	20
2.8. Sucumbindo ao espírito da época	21
2.9. Retorno aos princípios	21
2.10 A redescoberta da Igreja local como chance para a inculturação	22
2.11. Inculturação como processo interminável	22
2.12. Correções tardias	23
2.13. A força para a inculturação	24
3. Segundo a ordem salvífica da Encarnação	25
3.1. "Nascido de uma mulher"	26
3.2. Toda cultura é chamada a acolher a Palavra	26
3.3. Culturas diante da prova	27



3.4. Entre reivindicação e realidade	27
3.5. O papel das comunidades religiosas	28
4. Inculturação como tarefa franciscana	29
4.1. <i>“Conforme as exigências dos lugares, tempos e regiões frias”</i>	29
4.2. Segundo o modelo da transplantação	30
4.3. Ao lado dos pobres por justiça e reconciliação	30
4.4. Retorno às fontes, olhando para o futuro	32
 IV. Exercícios	 34
 V. Aplicações	 42
 VI. Bibliografia	 46
 VII. Legendas das Ilustrações	 49



Texto das Fontes

omo Francisco aprendeu de outra cultura

No ano de 1219, Francisco encontrava-se na terra dos muçulmanos. Diariamente, ao meio-dia, ouvia como os *muezzin*, do alto dos *minaretes*, chamavam o povo à oração. Observava, então, como todos se prosternavam e se inclinavam profundamente para render louvor a Deus.

Ao retornar à Itália, Francisco sentia falta desta dimensão profundamente religiosa da cultura árabe. Em seguida, escreveu aos custódios e governantes do mundo inteiro, pedindo que introduzissem algum costume semelhante e sugerindo-lhes que *"todas as tardes mandassem proclamar por um pregoeiro, ou anunciar por algum sinal, que todo o povo deverá render graças e louvores ao Senhor Deus todo-poderoso."*

(CtGov)





Introdução

I.

ma mensagem para todos os povos

Francisco e Clara viviam numa época turbulenta. Nasceram no “século da revolução comercial”¹, cujos efeitos - naquele tempo - podem ser comparados ao que acontece atualmente com a globalização do mercado e das idéias. Na Igreja, o movimento desencadeado por Francisco e Clara representa tanto o fruto, como também o motor de transformações radicais. Através do comércio intenso, mas também em consequência de confrontações bélicas, homens e mulheres das mais diversas procedências sociais, culturais ou religiosas se encontraram. E isto acontecia cada vez com mais frequência. Também a teologia aventurava-se por caminhos até então inimagináveis, familiarizando-se, por exemplo, com o pensamento de Aristóteles, filósofo grego e pré-cristão, para chegar a sintonizar, de maneira nova, a fé e a razão. Após um longo período de auto-suficiência, a Igreja olhava para além de suas fileiras. Era Francisco quem lhe recordava a verdade de que sua mensagem é destinada a todos os povos. Propagar a Boa Nova cristã além das fronteiras do cristianismo era para



¹ A invenção do câmbio foi feito no século XII, que - por este motivo - recebeu o nome de “século da revolução comercial” (R. Sonntag)

Francisco uma obrigação sagrada, tanto para si mesmo como para sua fraternidade. Em 1221, sentia-se compreendido e espiritualmente apoiado, quando o papa Honório III escreveu a primeira encíclica missionária "*Ne si secus*". Para viver esta nova atitude, porém, não tinha recebido ainda nenhuma orientação concreta. Isto é evidenciado pela diferença de comportamento demonstrado de um lado por Francisco, e de outro lado pelos primeiros franciscanos que partiram para missionar entre os muçulmanos (cf. Lição 16).

A presente Lição trata da necessidade teológica e prática de "encarnar" o Evangelho nas várias culturas, sem esquecer que todas as culturas são criadas por pessoas vivas, tendo que passar, portanto, constantemente por transformações. Pois a inculturação é um processo que acontece ininterruptamente e em todas as culturas, inclusive na cultura cristã. Inculturação ocorre também como um processo de encarnação a nível coletivo de comunidades inteiras que procuram viver o Evangelho em seguimento de Francisco e Clara.





Visão de conjunto

II.

Herança espiritual de Irmão Francisco e Irmã Clara

Inicialmente, vamos recordar numa visão geral da história, a maneira como a “inculturação” foi aceita ou recusada através dos tempos; e como ultimamente ela volta a ser reconhecida pela Igreja como uma tarefa essencial.

Em seguida, vamos estudar como a inculturação aconteceu na Igreja primitiva de modo espontâneo, porém não sem tensões. Ao mesmo tempo, surgiu o perigo da criação de igrejas “colonizadoras”.

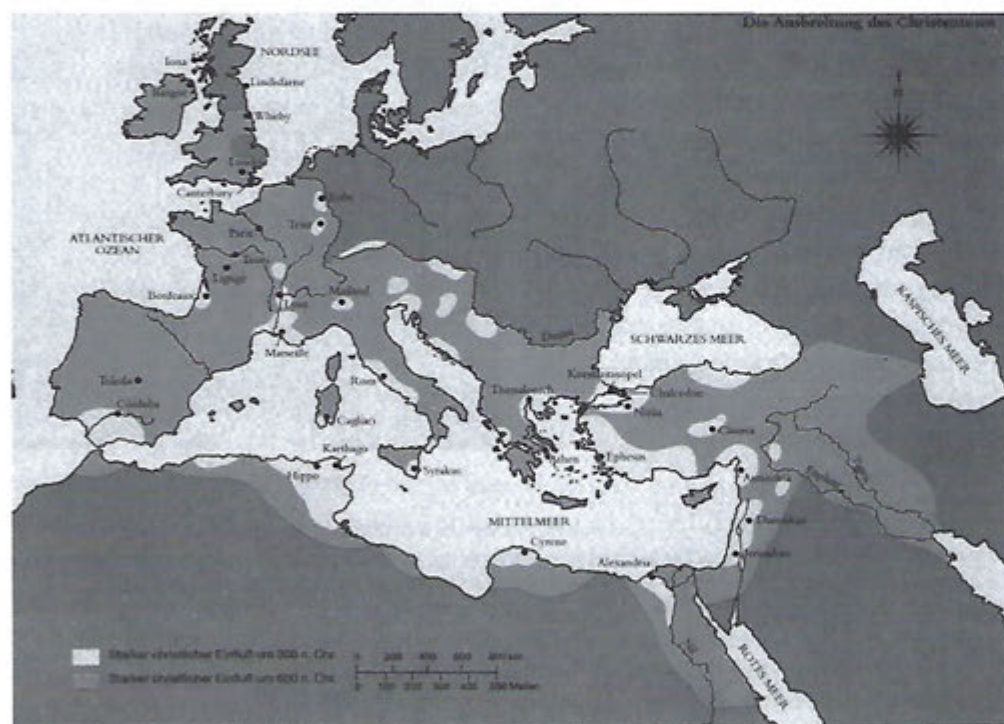
Numa segunda parte, procuraremos familiarizar-nos com os fundamentos teológicos da inculturação e suas conseqüências práticas.

Na terceira parte, trata-se de definir o papel que compete à família franciscana no atual processo de inculturação a nível mundial.

Finalmente, a pergunta é saber o que a inculturação pode significar para a herança espiritual de Irmão Francisco e Irmã Clara.



O termo “inculturação” surgiu como uma novidade na linguagem eclesial em meados dos anos setenta, tornando-se pouco a pouco o conceito dominante da missiologia atual. Antes de tudo, descreve uma coisa evidente: as palavras da Boa Nova se dirigem a pessoas que vivem dentro de contextos culturais que as influenciam de modo decisivo. De um lado, a cultura é definida como uma rede de relações que atendem de modo satisfatório a necessidades fundamentais (físicas, psíquicas, sociais e religiosas) de um grupo ou de uma sociedade (cf. L. Lutzbetak). É a cultura que define para nós o que seja belo e bom, certo ou errado, agradável a Deus ou rejeitável, costumes bons ou maus hábitos. *“Com a palavra ‘cultura’ indica-se a maneira particular como em determinado povo os homens cultivam sua relação com a natureza, suas relações entre si próprios e com Deus”* (Puebla 386). Uma outra definição ressalta a complexidade da questão, quando define a cultura como *“o mundo de valores e o modo de viver típicos de um grupo de pessoas organizadas em comum no seu contexto material e inter-relacional. A este conjunto pertencem as tradições*



e normas, a língua, mentalidade e ideologia, a ordem de parentesco e as relações sociais, as formas de governo e a organização econômica, a criação artística, assim como a tecnologia e a ciência, as ferramentas e instrumentos, as sensibilidades, afinidades, atividades e comportamentos, as convicções, sistemas simbólicos, costumes etc.” (E. Nunnenmacher).

Ademais, em todas as culturas é possível identificar certos elementos que chegam a ser mais próximos do Evangelho do que outros que se verificam em sociedades comumente chamadas “cristãs”. Portanto, não é para se admirar quando acontece que a fé vivida numa determinada cultura, onde criou raízes, chega a manifestações diversas e bem variadas.

Assim, chegou-se a expressões diferenciadas de uma mesma fé nas Igrejas antigas, como por exemplo, na Igreja síria, sírio-malabária, sírio-malanquária, copta (= egípcia), grego-eslávico-ortodoxa e romano-católica, como também nas várias formas de religiosidade popular.

Inculturação pressupõe reconhecimento da cultura

1.1.

Desde o tempo em que se estabeleceu uma íntima relação entre a Igreja Romana e o poder político, a saber, na época do Imperador Constantino (306-337 d.C.), a colonização², a civilização³ e a cristianização⁴ andaram de mãos dadas.

As primeiras vítimas deste processo foram os povos germânicos. Como eram considerados “bárbaros” pelos romanos, dispondo pretensamente de nenhuma cultura, uma inculturação parecia impossível, ou pelo menos desnecessária.

Portanto, esses bárbaros foram obrigados a adotar, além do credo cristão, o calendário romano, a liturgia elaborada na cidade de Roma em língua latina, que lhes era absolutamente incompreensível, assim como o pensamento jurídico e estruturado dos romanos. Resumindo, pode-se dizer: a Igreja que se tinha desenvolvido pouco a pouco através dos séculos na cidade de Roma foi simplesmente “transplantada” e considerada como algo taxativo e imutável.



² Colônia: Grupo de um povo que vive fora do conjunto do seu território tradicional (= país natal), mantendo, porém, a sua identidade. Colonização: Normalmente pressupõe a ocupação de um território por grupos vindos de um outro Estado ou por este mesmo Estado; simultaneamente debilitando politicamente a população autóctone, e modificando a cultura desta última, segundo as máximas da cultura dominadora.

³ Introdução dos próprios estilos de vida e modos de comportamento, impondo-os ao modo de viver de povos que são vistos como culturalmente inferiores.

⁴ Ação missionária planejada com a meta de converter os povos à fé cristã, inserindo-os nas Igrejas históricas já existentes.

A partir do século VIII, os outros ramos supramencionados da única Igreja católica foram debilitados de maneira irrevogável pela invasão islâmica. Em consequência, a tarefa de missionar o mundo foi progressivamente atribuída e assumida exclusivamente pela Igreja de expressão romano-católica.

Quando sob o Papa Honório III e no tempo de Francisco a Igreja ocidental tomou alento para voltar a levar a mensagem de Jesus além das próprias fronteiras, isto acontecia como uma espécie de transplantação da Igreja que já existia há mais de mil anos.

No século XVI, o assim-chamado “século das descobertas” e da expansão dos países poderosos da Europa, começou uma nova era de missões. Normalmente, “missões” foram empreendidas em conjunto com o poder político. Estavam marcadas por um sentimento de superioridade que, geralmente, considerava todos os povos não-europeus e suas culturas como inferiores.

Em consequência, as tentativas para entender as culturas estrangeiras como um possível solo natal para um novo tipo de cultura cristã foram extremamente raras. Em todo caso, as poucas tentativas provam que, na Igreja, a idéia da necessidade de inculturação não estava ainda totalmente perdida.

Algumas tentativas notáveis, porém fracassadas

1.2.

Bem conhecidas são as tentativas feitas na China e na Índia, ligadas aos nomes de dois jesuítas, Matteo Ricci (+ 1610) e Roberto de Nobili (+ 1656). A discórdia dentro da *Societas Jesu* e entre esta e os Franciscanos e Dominicanos chegou a ser conhecida como a famosa “disputa dos ritos” (cf. Lição 8), finalmente terminada por uma palavra definitiva do Papa. Com as bulas “*Quam singulario*” (1742) para a China e “*Omnium sollicitudo*” (1744) para a Índia, o Papa Bento XIV proibiu qualquer tentativa de adaptação à cultura autóctone daqueles dois países. Essa proibição rígida foi relaxada somente em 1939 para a China e em 1940 para a Índia.

Menos conhecido é o empenho do franciscano Bernardino de Sahagún (1500-1590) para conseguir uma inculturação no México (cf. Lição 18). Seu intensivo trabalho científico valeu-lhe o título de “*Pai da Etnologia*”. No colégio de Tlaltelolco, inaugurado em 1536, ele criou um instrumento eficaz para a educação de uma elite leiga e de um sacerdócio indígena, capaz de sentir-se à vontade nas duas culturas, tanto na



cultura mexicana como na cultura espanhola. Esse empenho por uma cultura autóctone foi tanto mais admirável, porque se tratava de povos subjugados pela força militar.

Lamentavelmente, após dez anos de um trabalho extremamente fecundo, o colégio de Tlaltelolco foi fechado, vítima da incompreensão dos próprios confrades e da hierarquia eclesiástica, como também da vontade política da coroa espanhola. Pois, o objetivo político não era a criação de um Império mexicano e cristão, mas de uma “Nova Espanha”; e o alvo eclesiástico era uma Igreja espanhola, purificada de todos os elementos “pagãos”. Portanto, até a segunda metade do século XX, com raras exceções, existia no Novo Mundo, e não somente na Ásia e na África, a tradicional Igreja européia como única norma a ser imitada.

O fim do tempo colonial como nova chance para a inculturação

1.3.

O motivo por que a inculturação moderna desempenha um papel tão preponderante atualmente tem sua origem na mudança do contexto político e na correspondente evolução interna da Igreja. Já a Primeira Guerra Mundial causou entre os povos do hemisfério sul sérias dúvidas a respeito da força moral da Europa. A Segunda Guerra Mundial, então, chegou a significar a bancarrota das “nações cristãs”. Em consequência, abriu-se aos povos do hemisfério sul a chance para redescobrir e revalorizar as riquezas da própria cultura.

Até então, supunha-se que as forças colonizadoras - além do poder militar, econômico e intelectual - dispusessem também de autoridade religiosa e moral, superior àquela dos povos colonizados. Atualmente, porém, uma nova valorização cultural, política e também nacional, que se seguiu à descolonização, atinge também a Igreja. A partir de agora, ela é obrigada a demonstrar para fora, e progressivamente também para dentro, que ela é autóctone e não um corpo estranho, tele-guiado, colaboradora ou servente de poderes estrangeiros.

Repetidamente, desde o tempo de Bento XV, as encíclicas pontifícias (por exemplo, “*Maximum*



⁵ Revelação da vontade de Deus no Antigo Testamento.

illud", de 1919) chamaram atenção a essa nova conjuntura. Ao nomear bispos indígenas, a Igreja começou a dar pelo menos um primeiro passo com importante significado eclesio-político. Importa, porém, lembrar que uma liderança autóctone ainda não garante a existência de uma Igreja realmente enraizada na própria cultura.

Tensão fecunda entre unidade e pluriformidade

1.4.

Somente o Concílio Vaticano II conseguiu a abertura para uma redescoberta da dignidade e dos valores próprios das Igrejas locais. A palavra-chave foi o termo cunhado por João XXIII, a saber, o *"aggiornamento"*, que pode ser interpretado como o desejo de *"colocar a Igreja em dia"*. Este esforço é válido tanto nas Igrejas tradicionais dos países industrializados, como nas regiões rurais, aonde a Igreja chegou somente nos últimos cem anos.

Portanto, a Igreja inteira encontra-se num processo de contínua transformação que, por natureza, é complicado. Não somente as realidades políticas e sociais estão em contínua mudança, mas também as próprias culturas estão passando por processos ininterruptos de transformação.

Além disso, a inculturação acontece numa fase de tensão entre a *"Encarnação da Palavra"* nas várias culturas e a preocupação pela unidade da Igreja romano-católica. Pois, a exigência milenar de uma autoridade central com o direito de decidir tudo se vê confrontada agora pela dignidade teológica das Igrejas locais.

Muitas personalidades, que vivem no seguimento de Francisco, se encontram no meio desta confrontação. Pois algumas delas assumiram tarefas de liderança na Cúria Romana, enquanto outros são bispos diocesanos ou simplesmente membros da família franciscana que exercem sua influência localmente. Todos se vêem na obrigação de optar: ou para insistir em impor a mentalidade e uniformidade colonial, ou para tentar realizar uma unidade fecunda na pluriformidade.



**Boa notícia para todos:
um único Cristo para todos os povos**

2.

O Evangelho, como costumamos chamar a nossa fé, quer ser uma Boa Nova para todos os povos, tendo, portanto, que lançar raízes em todas as culturas. Como nos tempos de São Paulo (cf. 1Cor 23), esta auto-compreensão pode aparecer a uns como monstruosa, e a



outros como absurda ou presunçosa. Todavia, é a causa desencadeante para o fato de que pessoas no mundo inteiro chegam a conhecer a mensagem de Jesus e procuram viver segundo o Evangelho.

Portanto, quando se fala de inculturação, o ponto de partida é claro: trata-se de Jesus, o Cristo, que morreu para todos e que, como Ressuscitado, precede a todos para prepararmos um lugar. Trata-se de sua mensagem de fraternidade entre todos os homens e mulheres, como sinal do Reino que desponta e da comunidade daqueles que professam esta fé.

A fé viva de qualquer pessoa é marcada pela sua herança cultural, pelo seu caráter, pelo contexto de vida, assim como pelas experiências pessoais. Também os que chegaram há pouco tempo a professar a fé cristã estão marcados por uma história pessoal anterior e por um processo de socialização dentro de uma cultura concreta. Já o mais antigo Evangelho, o de Marcos, toma isto em consideração.



Boas Notícias também para os não-judeus

2.1.

Em primeiro lugar, o Evangelho de Marcos dirige-se a cristãos de origem pagã. Por isso, o autor explica hábitos, costumes e instituições judaicos, como também palavras e frases da língua aramaica. Entretanto, questões sumamente importantes para cristãos de origem judaica, como por exemplo, a questão se a Lei foi ou não abolida por Jesus, não se encontram no Evangelho de Marcos.

Esforços semelhantes para transmitir a mensagem em sintonia com a cultura encontram-se também nos outros Evangelhos. Em outras palavras, respeitando as convicções de seus interlocutores principais, os apóstolos levaram em consideração as diferenças culturais. Muito significativo é, neste contexto, o prólogo do Evangelho de São João, que se serve da língua e dos conceitos próprios da filosofia e cultura grega. Resumindo, podemos dizer que a Igreja primitiva nos mostra tanto a necessidade da inculturação como a dificuldade deste processo.

Sobretudo nos Atos dos Apóstolos este processo se delineia muito claramente. Sabemos de fontes antigas que os cristãos que vieram do judaísmo continuaram obedecendo com toda

naturalidade às tradições religiosas do seu povo. Celebravam as festas judaicas, observavam os ritos costumeiros, como a circuncisão e as prescrições que concernem ao jejum. Em Jerusalém, subiam ao Templo para rezar. A única coisa que distinguia os cristãos primitivos do resto da sociedade judaica era o costume de “partir o pão” nas casas; ou seja, conforme o nosso entender, celebrar a Eucaristia (cf. At 2,42). Visto de fora, este foi o único sinal distintivo do seguimento de Cristo. Em consequência, os cristãos eram considerados simplesmente um grupo especial dentro da prática geral da fé judaica.

Podemos vislumbrar a dificuldade do processo de inculturação, ao estudar o problema central que foi tratado durante o assim-



chamado “Concílio dos Apóstolos”. Por pressuposto, a comunidade em Jerusalém acreditava representar a norma taxativa em todos os sentidos. Isto é comprovado pela carta que os apóstolos e os anciãos da comunidade enviaram a Antioquia, como resultado das determinações do seu concílio. Apesar do fato de os primeiros “padres conciliares” entenderem claramente que, no seguimento de Jesus, o sinal da Aliança, a saber a circuncisão, já não tinha mais razão de ser, parecia-lhes ainda necessário insistir na “abstinência das carnes imoladas aos ídolos, de sangue e das carnes de animais sufocados” por ser incompatível com uma vida cristã (cf. At 15,28). Em outras palavras, as noções judaicas sobre o que era considerado “puro” ou “impuro” deviam ser adotados pelos cristãos que, até a sua conversão, não conheciam tais prescrições na sua própria cultura. Parece, portanto, que nem a palavra do próprio Jesus, relatada por Mateus, era suficiente: “Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso é que torna o homem impuro” (Mt 15,11).

Quando se trata do “comer de carne sacrificada aos ídolos”, Paulo, por sua vez, procura exemplificar o significado da “liberdade” dos cristãos (cf. 1Cor 8), afirmando simplesmente que nenhum tipo de comida nos será imputado por ocasião do juízo final. Portanto, neste ponto, Paulo já ultrapassava as prescrições culturais tradicionais. Na carta aos Gálatas, escreve em grego sobre seu conflito com Pedro: “*katà prósopon auto antéstēn*”, o que significa em português: “opus-me a ele abertamente” (Gal 2,11). Porque, pelo seu modo de proceder, Pedro estava insinuando que a comunidade cristã de descendência judaica, que vivia em Jerusalém com suas particularidades culturais, devia servir como único modelo taxativo para todos os outros cristãos, sem consideração pelas etnias e culturas totalmente diferentes destes últimos.



O conflito entre a comunidade cristã de Jerusalém e as comunidades dos cristãos vindos do paganismo continuou até a destruição da cidade e o fim da comunidade cristã de Jerusalém.

A mesma fé em diferentes roupagens culturais

2.2.

Para uma fé vivida, mudar de cultura pressupõe mudar também de expressão litúrgica, de pensamento teológico e de disciplina. Foi necessário criar uma nova liturgia, porque a tradicional liturgia judaica não era automaticamente acessível aos cristãos de procedência pagã. Ainda hoje, é possível identificar elementos legados pelas comunidades cristiano-pagãs na atual liturgia romana. Por exemplo, o uso do incenso, a genuflexão, a mitra e o báculo do bispo, também os paramentos antigos entraram na nossa liturgia vindo de tradições não-judaicas.

Já na Igreja primitiva, o pensamento teológico foi marcado de maneira decisiva pelo espírito grego, contribuindo profundamente à idéia que se fazia da ação de Deus no mundo. Apesar do fato de que foi introduzida também uma ideologia dualista na teologia (cf. Lição 10), ela foi enriquecida por conceitos que até hoje são importantes, por exemplo, o conceito de “pessoa”, assim como o conceito de “logos” (= verbo, palavra). Foi justamente este pensamento teológico que ultimamente ajudou para repensar e revalorizar a ação de Deus nas religiões.

Também na sua organização estrutural, as comunidades cristãs vindas do paganismo não assumiram simplesmente as estruturas legadas pelo judaísmo, como por exemplo, os “presbyteroi” (= anciãos); mas, ao contrário, recorriam à sua própria cultura tradicional. Assim, existia, já nos tempos apostólicos, um segundo modelo de comunidade com bispos (= *episkopos*) e diáconos.



O contexto cultural como solo materno para a fé cristã

2.3.

“Povos pagãos” não são e nunca foram ateístas. As idéias que se faziam de Deus e de outras divindades, a maneira como os reverenciaram ou procuravam apaziguar, eram as mais diversas possíveis. Porém, todos estes povos tinham em comum o fato de que suas vidas eram determinadas pelo calendário religioso e a liturgia pública. E a Igreja primitiva partia destes dados de modo espontâneo.

Por exemplo, o dia 25 de dezembro, considerado pelos romanos o dia nativo do Sol invicto (= “*Natalis Solis Invicti*”), a comunidade cristã em Roma designava como o dia de nascimento de Jesus, “sol da justiça”. E esta festa continuava a vigorar no Império Romano cristão.



Métodos missionários sob o aspecto da inculturação

2.4.

Pensamentos semelhantes fizeram o Papa Gregório Magno (590-604) enviar as seguintes instruções por intermédio do abade Melito a Agostinho de Cantuária, que dirigia o primeiro empreendimento missionário nas Ilhas Britânicas: “Se pela graças de Deus todo-poderoso, chegardes até o nosso reverendíssimo irmão, o bispo Agostinho, então dizei a ele que fiquei ponderando longamente como proceder para com os ingleses. Cheguei à conclusão de que não se devem destruir os seus templos, mas somente os ídolos que lá se encontram...”

Quando o povo perceber que os seus templos não foram destruídos, vão acabar renunciando aos seus erros, chegando com maior alegria à inteligência e adoração do Deus verdadeiro nos lugares habituais...



E como eles costumavam imolar bois aos seus ídolos, também este costume tem que ser transformado numa outra festividade. ..

Deixando-lhes, desta maneira, alguns dos seus prazeres, eles serão tanto mais acessíveis às alegrias interiores” (Gregório Magno).

Aqui, encontramos métodos missionários que, de certo modo, mantiveram o invólucro exterior, mudando o conteúdo.

A filosofia como instrumento e serva da teologia

2.5.

Um processo semelhante aconteceu no encontro da fé cristã com a filosofia grega. Inicialmente, teólogos como Justino (martirizado em 165 d.C.) procuravam no pensamento filosófico as “sementes do Verbo”, i.é. elementos compatíveis com as verdades da fé.

Não tardou, porém, que os teólogos cristãos começassem a usar diretamente os conceitos espirituais dos filósofos para construir um único edifício pedagógico da mensagem de Jesus, do pensamento dos apóstolos e da Igreja primitiva. Neste sentido, o neo-platônico Plotino (+ 270 d.C.) marcou durante um milênio inteiro a linguagem teológica.

O que isto significa é possível verificar no grande “Símbolo Niceno-constantinopolitano”, assim como no prefácio da SS. Trindade. No Símbolo professamos: *“Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas...”*

Este modo de expressar-se não era nem a linguagem de Jesus nem da Bíblia, mas o resultado de um esforço mental para conseguir analisar e fixar as verdades da fé pelo raciocínio.

Idéias filosóficas de origem grega marcaram os termos teológicos de todos os Concílios desde Nicéia até o Vaticano II. Inicialmente foi Plotino, depois foi Aristóteles a determinar o pensar teológico de Tomás de Aquino e Boaventura. Somente o Concílio Vaticano II começou a reutilizar pensamentos bíblicos ou a servir-se



das ciências modernas, para tornar a fé mais compreensível. Assim, por exemplo, a Igreja é agora chamada “povo de Deus” e não, como costumava ser, “uma sociedade perfeita”. Segundo o pensamento grego, a Igreja teria esta última qualidade em comum com o Estado. Pois o Estado tem a obrigação de regular todos os interesses seculares dos homens, enquanto a Igreja devia cuidar dos interesses espirituais.

No Vaticano II também não se fala mais da “Igreja em si”, mas da “comunidade de fiéis” que partilha da *“alegria e da esperança, da tristeza e da angústia”* dos homens de hoje (cf. GS 1). Esta maneira de assumir a condição humana como resposta da fé a situações concretas tem que ver com a “encarnação do Verbo” e pertence ao âmbito da inculturação.

Culturas marcadas por pessoas vivas

2.6.

Já nos tempos apostólicos, surgiram as Igrejas de Antioquia, Corinto, Éfeso, Atenas e Roma, respeitando as diversas culturas que marcaram os homens e mulheres daquela época. Todas elas se distinguem por uma coloração cultural explícita, distanciando-se assim da comunidade de Jerusalém.

Durante os três primeiros séculos, devemos a esta mesma atitude o surgimento da uma variedade de Igrejas, cada uma com sua distinta representação exterior, mas também com sua própria liturgia, sua estrutura jurídica e sua teologia.

Ainda no século III, a inculturação era um fato natural. Um exemplo disso é a carta do valente bispo Firmiliano (230-268) de Cesaréia, cidade da Capadócia que se encontra hoje na Turquia oriental. Firmiliano escreveu a Cipriano de Cartago, na atual Tunísia: *“É possível verificar que, em Roma, a gente não respeita mais as tradições originais em todos os pontos. Lá eles se referem em vão ao testemunho dos Apóstolos, porque divergem na celebração da Páscoa e em muitos outros mistérios da liturgia, não obedecendo em tudo ao que é observado em Jerusalém. Assim acontece também na maioria das outras províncias. De acordo com as regiões e a população, procede-se de modo diverso sem, contudo, separar-se da paz e da unidade da Igreja católica”* (Firmiliano de Cesaréia).

Um século e meio depois, Agostinho (354-430) mostra-nos a pluriformidade cultural da Igreja católica. Numa carta, ele enumera aquilo que era comum à Igreja inteira: *“A isto pertence a celebração anual da Paixão, da Ressurreição, da Ascensão de Nosso Senhor, a vinda do Espírito Santo, assim como as outras coisas que a Igreja observa, seja onde estiver. Outros costumes se distinguem conforme a região, o país, o local. Alguns, por exemplo, jejuam nos sábados, outros não. Alguns recebem diariamente o corpo e o sangue do Senhor, outros somente em determinados dias. Em certos lugares, não passa um dia sem o Santo Sacrifício, em outras é celebrado somente nos sábados e domingos, ou mesmo só nos domingos. Estes e outros costumes deste gênero podem ser escolhidos livremente. Um cristão esclarecido e sério não considera a própria maneira de fazer as coisas como a melhor, ou as outras como inferiores, mas entra plenamente nos costumes da comunidade onde, por acaso, se encontrar”* (Agostinho).



No decorrer da história, esta pluriformidade natural ficou cada vez mais reduzida por iniciativa de Roma. Não resta dúvida de que o centro político do poder que se encontrava em Roma fez sentir a sua influência também sobre o ministério e a auto-compreensão papal, assim como sobre a unidade dentro da Igreja. Em consequência, exemplos de inculturações anteriores conseguiram sobreviver unicamente em Igrejas separadas de Roma.

Como a Roma política centralizava e colonizava, assim também a Igreja de Roma missionava, sem levar em consideração as culturas dos novos povos. Portanto, a Cristianização começou sob o presságio colonial no sentido de uma *"transplantatio Ecclesiae Romanae"*. Uma vez que as Igrejas, que já existiam no Oriente e na África do Norte, ou sucumbiram ou ficaram definitivamente debilitadas pela invasão islâmica, a tarefa de missionar o mundo cabia, pouco a pouco, exclusivamente ao patriarcado ocidental, a saber, à Igreja de Roma.

Começando entre os povos germânicos, depois entre os povos eslavos, vizinhos deles, e pela "missão oriental" dos alemães, seguiu-se a missão conquistadora na América, até chegar às atividades missionárias nas colônias estabelecidas na Ásia e na África durante os séculos XIX e XX. Em todo caso, sempre se tratava de implantar a Igreja romano-católica com sua estrutura nitidamente definida.

Nestas regiões missionárias, algumas liberdades deixadas no contexto disciplinar não são suficientes para servir de contra-provas. Pois, todas as culturas locais, mesmo quando se tratava de culturas de alto nível, simplesmente não foram levadas em consideração, mas passaram por "pagãs" e, portanto, inaptas para servir como fermento evangélico.

Tentativas de inculturação feitas por missionários singulares tão famosos, como Ricci, De Nobili e Bernardino de Sahagún, fracassaram regularmente. Também a admoestação de 1659, publicada pelo Departamento Superior das Mis-



sões, a saber, a Congregação da Propaganda Fide, não foi realizada. Pois, neste documento dirigido aos vigários apostólicos na China consta:

“Não levem em conta e, sob nenhum pretexto, não procurem persuadir aqueles povos a mudarem seus ritos, costumes e hábitos, a menos que estejam ostensivamente contra a religião e os bons costumes. Pois o que seria mais absurdo do que a tentativa de levar a França, a Espanha, a Itália ou outras partes da Europa à China?”

“Portanto, não levem tais coisas, mas levem a Fé que não despreza nem fere os ritos ou os bons costumes de nenhum povo, mas - bem pelo contrário - os protege e deseja vê-los robustecidos...”

“Tampouco comparem os costumes daqueles povos com os costumes dos europeus, mas bem pelo contrário, procurem unir-se a eles o mais possível” (Instructio Vicariorum).

Sucumbindo ao espírito da época

2.8.

Lamentavelmente, estes textos não são mais do que uma indicação de que, na Igreja, não se tinha perdido totalmente a consciência de que não era possível existir uma única forma cultural válida para a fé cristã. Pois, o trabalho missionário concreto se realizava sob o signo da superioridade civilizadora ou da prepotência dos colonizadores. Ambos obstruíram ou impediram o acesso a outros valores espirituais até mesmo de culturas de alto nível.

No contexto colonial, muitos missionários consideravam desnecessário aprender a língua de um país ou de um povo, ou de estudar a sua literatura. Somente a língua nacional do respectivo poder colonizador lhes parecia um meio apto para “civilizar” e para anunciar a Fé. “Civilizar” e “anunciar a Fé” foram considerados pelo missionário, pela Igreja e pelos fiéis e até mesmo pela missiologia como uma unidade. De maneira imprevisível, porém, essa orientação mental provocava repetidamente uma crítica papal.

Retorno aos princípios

2.9.

Desde o fim do século XIX, Roma exigia que futuros missionários teriam que receber também uma formação etnológica. Em universidades estaduais ou eclesásticas, as novas disciplinas da missiologia e das ciências religiosas descobriram tesouros de pensamento religioso e formas de vida religiosa tanto em culturas de alto nível como em culturas tribais. Em consequência, foi necessário criar uma nova prática missionária. Como em tempos apostólicos, volta-se agora a procurar as “sementes do Verbo”, a saber, pontos de contato nas culturas, capazes de facilitar o anúncio da mensagem.

Simultaneamente, cresce a convicção de que a Igreja Ocidental, que se desenvolveu atra-



vés de 1900 anos, teria que se adaptar, por sua vez, também às circunstâncias mudadas da cultura ocidental. Essas tentativas de um novo pensar, ainda bem tímidas, são designadas com os conceitos “adaptação” e “aculturação”, enquanto a Igreja Romana continua, de modo inalterável, a figurar como a norma taxativa.

A redescoberta da Igreja local como uma chance para a inculturação

2.10.

Somente depois do Concílio Vaticano II, chegou-se à compreensão de um tipo de trabalho missionário que havia sido natural na época da Igreja primitiva.

Para chegar a esta convicção, a premissa era uma redescoberta da dignidade da Igreja local, assim como vigorava em tempos apostólicos quando, *“por providência divina aconteceu que várias Igrejas, instituídas em diversos lugares pelos Apóstolos e seus sucessores, no decorrer dos tempos se reuniram em numerosas comunidades organicamente unidas, que, conservando a unidade da fé e a única constituição divina da Igreja universal, gozam de disciplina própria, uso litúrgico próprio, patrimônio teológico e espiritual próprios”* (LG 23). Sublinha-se ainda que *“esta variedade de Igrejas locais com comum aspiração demonstra mais luminosamente a catolicidade da Igreja indivisa”* (LG 23).

É importante também a afirmação que declara que, hoje em dia, as conferências episcopais podem assumir o papel das Igrejas fundadas pelos Apóstolos (patriarcas).

Inculturação como um processo interminável

2.11.

Não é de se estranhar que, no Decreto Conciliar “Ad gentes” sobre as Missões, o processo imprescindível da inculturação é mencionado unicamente em relação às “Igrejas novas”, deixando, porém, pressentir toda a amplitude deste processo. O texto proclama: *“De um modo semelhante à economia da Encarnação, as Igrejas novas radicadas em Cristo e superedificadas sobre o fundamento dos Apóstolos, assumem em admirável intercâmbio todas as riquezas das nações, herança de Cristo. Tomam emprestados dos costumes e tradições, do saber e da*



doutrina, das artes e sistemas dos seus povos tudo o que pode contribuir para glorificar o Criador, para ilustrar a graça do Salvador e para ordenar convenientemente a vida cristã" (AG 22).

Com tais afirmações básicas, o horizonte de um "aggiornamento" das Igrejas, integradas no espaço cultural de suas regiões, parece bastante vasto, também sob ponto de vista teológico. A realização concreta, porém, continua sendo um processo lento e difícil.

Correções tardias

2.12.

Uma primeira dificuldade surgiu, por assim dizer, com atraso. Em toda parte onde a Igreja, durante os últimos mil anos, conseguiu estabelecer-se, ela o fazia - como já dizíamos - nos moldes e segundo o pensamento da Igreja ocidental, declarando como impróprias "ao verdadeiro culto divino" eventuais contribuições das religiões tradicionais e dos costumes correspondentes que ali encontrava.

Em conseqüência, gerações inteiras de africanos convertidos ao cristianismo tiveram que renunciar, por exemplo, às suas danças religiosas. Somente agora, na sua velhice, aprendem que havia sido um erro proibir a dança na liturgia católica de uma Igreja autenticamente africana. Portanto, cristãos africanos que tinham renunciado com dificuldade às suas danças religiosas sentem agora a mesma dificuldade para entender por que aquilo que havia sido estigmatizado como algo de pagão e pecaminoso de repente é tido como coisa sagrada e agradável a Deus, por ser uma das expressões mais profundas de adoração da qual a alma africana é capaz.

A situação nas Igrejas tradicionais da Europa não é muito diferente. Enraizadas, há dois mil anos, numa sociedade rural e feudal, marcadas por esta sociedade e marcando-a por sua vez, as Igrejas tradicionais perderam a sua coerência interior na nova sociedade industrial e nas expressões culturais pós-industriais.

Assim, continua, por exemplo, o costume de celebrar o "Dia de Ação de Graças" pela boa colheita, da mesma maneira como foi feito durante séculos; quando, de fato, o camponês piedoso, ao rezar hoje em dia na igreja, sabe perfeitamente que a colheita record que conseguiu fazer não se deve - em primeiro lugar - à graça generosa de Deus, mas ao efeito de certos fertilizantes químicos que, a longo prazo, terão seus efeitos negativos.

Além disso, uma boa colheita já não dá a garantia segura da sobrevivência durante o ano, mas antes a possibilidade da perda de rendimentos financeiros, porque os preços das mercadorias baixam constantemente devido à concorrência. Enquanto ainda dependia "da graça de Deus", a saber, do bom tempo, o homem do campo formava a espinha dorsal da Igreja popular nos países industrializados. Hoje, porém, o número de camponeses continua diminuindo ou se converteram em empresas agro-pecuárias, garantindo desta maneira



um lugar para si numa sociedade que parece tão independente da graça divina como qualquer outra profissão.

Referindo-se ao areópago de Atenas, onde Paulo pregou a inculturação pela primeira vez, João Paulo II chama os novos centros de mercado de “areópagos”. Nestes centros comerciais e econômicos, focos de discussões espirituais e culturais, as Igrejas tradicionais até agora não conseguiram impor sua voz. Pois ainda não encontraram o genuíno acesso a essa nova cultura (cf. RM 37c).

A força para a Inculturação

2.13.

É um engano acreditar que é possível inculturar ou criar de modo durável - por meio de técnica intermediária de peritos, - formas de vida religiosa a nível regional ou universal. Porque todas as culturas se transformam incessantemente. E isto acontece, hoje em dia, até em ritmo acelerado.

A advertência dada por João Paulo II na sua Encíclica “*Redemptoris Missio*” merece toda atenção: A inculturação “*deve ser uma expressão da vida comunitária, ou seja, amadurecida no seio da comunidade, e não fruto exclusivo de investigações eruditas. A salvaguarda dos valores tradicionais é efeito de uma fé madura*” (RM 54).

Se entendemos corretamente essas palavras do Papa, podemos estar confiantes de que o povo cristão será capaz de identificar a verdade, assim como os caminhos autênticos da inculturação. Simultaneamente, a advertência do Papa pode ser um lembrete para os membros do clero, para que não sufoquem o espírito pelo formalismo ou por um autoritarismo jurídico mal entendido.



Segundo a ordem salvífica da Encarnação

3.

Aquilo que se pode afirmar teologicamente a respeito da inculturação encontra-se na Carta aos Gálatas, onde consta: “*Mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e foi submetido a uma Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos*” (Gl 4,4).

Paulo escreveu essas palavras a uma comunidade cristã que surgiu num meio pagão e que corria perigo de perder a sua liberdade, adquirida pela fé, sucumbindo à influência

exercida por judeus cristianizados. Não se tratava somente de forçá-los a assumir uma roupagem judeu-cristã, mas da tentação insidiosa de querer voltar a conseguir a benevolência e a graça de Deus por meio do cumprimento fiel da Lei judaica, em vez de aderir à fé em Jesus Cristo.

Isto, porém, iria significar “um outro Evangelho”, um retrocesso mental, colocando o esforço do homem no lugar da misericórdia de Deus, anulando desta maneira a ação salvífica e libertadora de Deus que se manifestou pela Encarnação.

Paulo combateu este tipo de atitude com toda força. Repetidamente afirmou: Se alguém anuncia um evangelho diferente, “que seja anátema” (Gl 1,8). E ainda: “Vede, eu, Paulo, vo-lo digo: se vos circuncirdades, de nada vos servirá Cristo” (Gl 5,2). Parece, portanto, que foi muito grande a tentação de imitar, mesmo no seguimento de Cristo, tudo aquilo que era importante na vida dos judeus, a ponto de declará-lo obrigatório.



“Nascido de uma mulher”

3.1.

“Nascido de uma mulher” significa que Jesus, sendo filho de Maria, tinha o aspecto exterior de um semita, evidenciado pelo seu porte e a cor de sua pele. Como faziam as outras mães, Maria introduziu o menino e o adolescente na sociedade conforme a sua cultura. Essa cultura estava marcada pela Lei de Deus, assim como é transmitida pela Bíblia e pela consciência que o povo tinha de ser o “povo eleito”.

A segunda parte da palavra de Paulo, “submetido à Lei”, conduz-nos à teologia da Salvação. Deus exigia do seu povo predileto e “escolhido” que cumprisse ao pé da letra toda a Thorá⁵, para se tornar justo e merecedor da predileção e benevolência divina especial. Segundo o entender dos judeus, ninguém concebido em pecado era capaz de cumprir a Lei ou de agradar a Deus (cf. Sl 51,7).

Por isso, o Justo devia chegar ao mundo para cumprir a Lei uma vez para sempre como representante de todos, merecendo assim o agrado de Deus e redimindo todos do jugo da Lei. Todos, ao invocá-lo, ou pensando em Deus ou adorando-O, podem usar - sem medo



e na sua própria língua, - o nome carinhoso que crianças israelitas davam a seus pais, a saber, "Abba". Pois por meio da fé nEle, o Enviado de Deus libertou a todos do estigma da culpa automaticamente adquirida.

O que isto pode significar para o nosso tema de inculturação? Seguindo a formulação dada pela autoridade máxima na Igreja, a saber o Concílio Vaticano II, a inculturação deve acontecer conforme a ordem da salvação assumida pela Encarnação. Em outras palavras, vale insistir que Deus amou o mundo de tal modo que deixou o seu Filho fazer-se homem, a ponto de tornar-se um deles (cf. João 3,16).

Toda cultura é chamada a acolher a Palavra

3.2.

Assim como o "Logos" eterno se encarnou concretamente na cultura judaica, assim a palavra da Boa Nova tem que encarnar-se nas demais culturas. Em princípio, qualquer cultura é apta e chamada a oferecer-se como uma terra virgem aberta para acolher a fé cristã. Pois o Espírito de Deus age nas "sementes do Verbo", assim como no coração e na procura religiosa de cada ser humano.

"A presença e ação do Espírito não atingem apenas os indivíduos, mas também a sociedade e a História, os povos, as culturas e as religiões. Com efeito, ele está na base das idéias nobres e das iniciativas benfeitoras da humanidade peregrina" (RM 28). Com essa afirmação a Carta Encíclica *"Redemptoris Missio"* sublinha a colocação do Concílio Vaticano II.

Culturas diante da prova

3.3.

Assim como Jesus denunciou, de maneira profética, as deformações na sinagoga e na sociedade, pregando uma nova compreensão da filiação divina, assim ainda hoje a sua mensagem vai colocar cada cultura e cada evolução cultural à prova. Frequentemente, isto significa uma correção de noções tradicionais, mas também acentua e ressalta valores que estão até mais perto do Evangelho, como aqueles que se manifestaram através da história ocidental. Por exemplo, culturas que consideram a propriedade da terra como posse comum estão mais perto do pensar de Jesus e da Igreja primitiva do que a "cultura da cerca" exportada pela Europa cristã que chegou a terríveis excessos, induzindo pessoas a enfileirar casa



com casa e campo com campo, até não sobrar mais espaço nenhum para quem quer que seja (cf. Is 5,8).

Entre reivindicação e realidade

3.4.

Em princípio, a Igreja sempre deu importância à inculturação. Já em 1951, o Papa Pio XII escreveu na sua Carta Encíclica *"Evangelii praecones"* (= Os anunciadores do Evangelho): *"Desde a sua origem até os nossos dias, a Igreja sempre insistiu na regra de suma sabedoria, dizendo que a aceitação do Evangelho não há de destruir e eliminar nada daquilo que os diversos povos possu-*



em de bem, de nobre e de belo na sua índole e seu talento" (EP 69). E o Papa continua: *"Por este motivo, a Igreja não desprezou nem rejeitou a convicção dos gentios, mas, bem pelo contrário, libertou-os de todo erro e de qualquer imperfeição, levando-os à plenitude pela sabedoria cristã"* (EP 70).

Vistas através dos acontecimentos dos últimos cem anos, essas palavras são difíceis de entender. Pois, são a expressão de uma auto-suficiência eclesial que - comparável àquela da comunidade judaico-cristã de Jerusalém - percebe a "sabedoria cristã" realizada unicamente na forma romana da Igreja católica.

Apesar de reconhecer, em princípio, a inculturação assumida pelo Vaticano II, a Igreja continua tendo dificuldades para transformar esta necessidade reconhecida em uma prática vivida. A aceitação de uma cultura não pode ser imposta pelo centro, nem pode ser teleguiada de fora, porque isto é a tarefa da Igreja local. É um sinal de maturidade encontrar e seguir caminhos próprios, sem perder de vista ou pôr em perigo a união com a Igreja universal. Neste sentido, a tentativa da inculturação assemelha-se a um passeio na montanha que exige um andar firme e uma liberdade espiritual absoluta.

O papel das comunidades religiosas

3.5.

No decorrer da história, a liberdade religiosa escolheu mulheres e homens não so individualmente para lutar e renovar a Igreja na cúpula e nos seus membros no sentido do Evangelho. Repetidamente também moveu pessoas para se unirem a uma comunidade religiosa específica.



Muitas destas comunidades se encontram hoje em dia simultaneamente nas mais diversas regiões, continentes e culturas. Em caso excepcionalmente favorável, a comunidade local consegue de verdade integrar-se autenticamente na cultural autóctone. Simultaneamente, porém, ela constitui uma ligação importante com outras regiões culturais e com a Igreja universal, devido à sua experiência como comunidade supra-regional e global.



“Conforme as exigências dos lugares, tempos e regiões frias”

4.1.

Aquilo que vale para comunidades religiosas em geral é válido também para homens e mulheres que ordenam suas vidas segundo o exemplo de Francisco e Clara e se sabem unidos, além das suas próprias comunidades, com toda a família franciscana.

Essa experiência em nível mundial que, desde o início, caracterizava o Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano, poderia também ajudar a Igreja a aceitar a necessária “encarnação do Verbo”, porque se apresenta, por assim dizer, como a experiência modelar de uma *“unidade na pluriformidade e na diversidade”* (Kirche als Communio, 16).



O conhecimento de formas de vida e de climas até então desconhecidos foi fixado na Regra de São Francisco pela advertência: *“Os ministros e os custódios... cuidem diligentemente... das necessidades dos irmãos enfermos e dos que precisam de roupas, conforme as exigências dos lugares, tempos e regiões frias”* (RegB 4). Quando os primeiros irmãos acompanharam Cesário de Espira à Alemanha através dos Alpes, vestidos em seus hábitos sórdidos, próprios para camponeses da Úmbria, eles não somente chegaram a ser o alvo da zombaria de crianças na rua, mas também sofreram miseravelmente do frio durante os invernos longos e gelados. O conselho sábio, que consta na Regra da Primeira Ordem, era algo semelhante a um primeiro convite à inculturação.

O que Francisco realmente teria a dizer a isto só podemos adivinhar. Sabemos, porém, que era um homem extremamente aberto e livre para seu tempo, pronto a deixar impressionar-se pela piedade dos muçulmanos e seus costumes, portanto, pela cultura deles.



Um outro exemplo: Francisco chamou Dona Jacoba simplesmente de “Irmão Jacoba” para resolver o problema canônico da presença de uma mulher na comunidade dos irmãos. Portanto, podemos deduzir que a inculturação era um assunto importante para Francisco.

Segundo o modelo da transplantação

4.2.

Infelizmente, temos que admitir que a família franciscana, nas suas múltiplas formas e seguindo o exemplo da Igreja romana, procedeu muitas vezes a uma simples transplantação de comunidades para dentro de outras culturas, sem refletir sobre a eventual necessidade da inculturação. Isto incluiu o tipo de roupa, a construção dos conventos, o modo de vida e os costumes das fraternidades, assim como a escolha dos campos de trabalho. Até hoje, consegue-se adivinhar a origem nacional, de onde procederam tais comunidades. Mais significativo ainda é o transplante indiscutível de valores culturais, como por exemplo, a idéia de que pais que legaram seus filhos a uma comunidade religiosa teriam que desistir dos direitos naturais sobre seus filhos que lhes competiriam segundo a sua cultura. Na maioria dos povos, a obrigação de cuidar dos próprios pais durante toda a vida deles constitui uma espécie de “4º mandamento”. Nenhum bispo, nem sacerdote ou superior ou superiora podem esquivar-se a essa obrigação sem cometer um pecado ou sem meter-se num conflito moral muito grave. Neste caso, o conflito não é desencadeado pela justaposição de valores “sobrenaturais” do Evangelho contra valores “naturais” da família. Trata-se antes da confrontação entre variantes do 4º mandamento que não são nem mais nem menos evangélicas umas que as outras. Portanto, ao admitir um novo membro nas suas fileiras, uma comunidade inculturada tem que levar em conta a obrigação vitalícia que este candidato ou esta candidata teriam para com seus pais. Trata-se, neste ponto, do respeito que se deve ter diante do fundo cultural da pessoa e seus direitos para cumprir o 4º mandamento, não podendo ser obrigada a obedecer a valores diferentes.

Ao lado dos pobres, por justiça e reconciliação

4.3.

A opção pelos pobres, assim como é apresentada continuamente pela Igreja latino-americana à Igreja universal como uma obrigação essencial da nossa fé cristã, é hoje em dia exatamente tão incômoda e até perigosa como o era no tempo de Irmão Francisco. Uma vez que os pobres, na sua grande maioria, são empobrecidos, quer dizer, o resultado de comportamentos pecaminosos dos outros, a luta pela justiça para essas pessoas sem voz e sem vez tem precedência.

Também membros da família franciscana correm o risco de falar de paz e reconciliação antes que seja restabelecida a justiça e haja a prontidão necessária em querer reparar a culpa e o crime. Os caminhos da reparação e da reconciliação, porém, estão marcados

profundamente pela respectiva cultura. Isto é demonstrado claramente pelos vãos esforços feitos pelas Nações Unidas, quando procuram restituir a paz. A boa vontade de querer ajudar, muitas vezes, é mal interpretada.

Mais incompreensível ainda parece aos membros de certas culturas, quando se aplicam pro-



cessos jurídicos segundo modelos internacionais, de procedência muitas vezes européia. Isto vale sobretudo quando as vítimas têm que presenciar cenas em que o juiz está obrigado a absolver crimes contra a humanidade “por falta de provas”, à base de considerações apresentadas por astutos ou caros advogados.

Não é possível criar a paz sem que haja reparação. Por este motivo, a população de Moçambique, por exemplo, chegou a estabelecer “comissões da verdade” até nas mais afastadas aldeias. Com a ajuda dessas comissões, os terríveis e muitas vezes reprimidos atos de violência e homicídios, cometidos pelos réus, são trazidos à luz. Uma vez que a verdade está evidente, os culpados têm condições de julgarem os seus próprios atos. Em vez de submeter-se à sentença e à condenação de terceiros, os próprios culpados podem oferecer reparação, dando assim o primeiro passo a uma autêntica reconciliação. Caminhos semelhantes também foram tentados na África do Sul e na Guatemala.

Essa prática não nos recorda apenas a Igreja primitiva, onde brigas foram solucionadas dentro da comunidade e não diante de tribunais seculares. Ainda hoje, essa mesma prática continua sendo empregada por cristãos. Assim, se manifesta que existem certas formas culturais para resolver conflitos e certas opiniões sobre justiça e reparação que talvez estejam mais perto do Evangelho do que as formas internacionalmente reconhecidas de direito elaboradas na Europa.

Tais situações parecem constituir um desafio especial e duplamente importante para homens e mulheres franciscanos. Expressa-se na atitude espiritual de “*ser submisso a todos*”, portanto, não aparecer como “*fazedor de paz*” que cria vencedores e vencidos, dando assim motivo para novos conflitos.

Em segundo lugar, consiste num senso muito fino capaz de identificar formas que servem à reconciliação, desenvolvidas nas respectivas culturas ou que podem ser deduzidas dos seus valores.



Francisco e Clara desencadearam um movimento a partir da cultura ocidental que era uma resposta à infiltração do capitalismo primitivo; respondendo também a uma Igreja que - ocupada unicamente consigo mesma, - tinha perdido a noção de sua tarefa em âmbito mundial.

Hoje em dia, numa época não menos dramática e de dimensões universais, quando os povos têm que enfrentar



um pensamento mercantil capitalista desenfreado sob a bandeira da "globalização", assim como uma civilização mundial crescente que se apresenta como uma "aldeia global", a espiritualidade de Francisco de Assis está sendo procurada como nunca antes.

O desenvolvimento nos centros de mercado e nas enormes metrópoles parece irresistível. Nos centros urbanos, onde a população se acumula, a população vive e desenvolve uma cultura que transpassa continentes, formas sociais, sistemas de valores e religiões.

Se a Igreja quer atender à sua tarefa frente a esses povos, anunciando-lhes de maneira convincente a mensagem do Reino de Deus e colaborando para que a cultura do futuro continue mantendo traços humanos, ela vai precisar de cristãos que ofereçam respostas vividas, assim como faziam Francisco e Clara em seu tempo.

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Is 5,8; Sl 51,7; Mt 15,11; Jo 3,16; At 2,42; 15,28ss; 17,22-32; 1Cor 23,8; Gl 2,11; 4,4ss; 1,8ss. 5,2
Documentos da Igreja	AG 22; EN 20; EP 69ss; GS 1;53; LG 23; RM 28; 37,c; 52ss; Puebla 386
Fontes	-
Documentos interfranciscanos	Documentos: BR 4
OFM - OFMCap - OFMConv	-
OSC (Clarissas)	-
OSF (TOR)	-
OFS	-
Suplementos *	-

* **Anotação:** As fontes podem ser completadas pelos participantes do curso.





Em preparação aos Exercícios, ler nos Atos dos Apóstolos 17,16-32, assim como os seguintes textos da Igreja:

a) Carta Encíclica “*Sancta Dei civitas*” (1880), do Papa Leão XIII:

“A santa cidade de Deus, que representa a Igreja e que não é delimitada por nenhuma fronteira, recebeu do seu fundador o poder de alargar as paredes de sua casa e estender as estacas de sua tenda”.

“As freqüentes e violentas tempestades, porém, desencadeadas contra a Igreja,... deram prejuízo também às instituições que haviam sido fundadas em proveito da civilização de povos bárbaros.”

b) Carta apostólica “*Maximum illud*” (1919), do Papa Bento XV:

Os deveres dos missionários:

1. “*Disposição sobrenatural*. Agora nos dirigimos a vós, amados filhos, que cuidais da vinha do Senhor. Principalmente às suas mãos foi confiado o bem de tantas almas, assim como a propagação da sabedoria cristã. A missão a vós confiada é deveras divina e infinitamente superior à mesquinhez de considerações humanas, pois se trata de trazer luz aos que suspiram nas sombras da morte e abrir o caminho da salvação aos que correm à sua própria perdição. Compreendei, pois, o que o Senhor disse a cada um de vós: “*Esqueça o teu povo e a casa do teu pai!*” e recordai que não tendes a missão de propagar um reino humano, mas o Reino de Cristo; que não tendes a vocação de angariar cidadãos para a vossa pátria aqui na terra, mas para a pátria que está lá no alto. Seria, portanto, muito a lamentar se existissem missionários que se esqueça da sua dignidade a ponto de se recordarem mais de sua pátria terrestre do que da celeste... Isto seria, de fato, uma peste terrível para o trabalho apostólico...”

Supondo que (o missionário) se ocupe de certos interesses terrestres e não se apresente, em todos os sentidos, como homem de índole apostólica, mas antes, mesmo se for só aparentemente, como um agente de sua pátria, toda sua atividade logo seria suspeita diante da multidão. Seria fácil convencer essa gente que a fé cristã não é outra coisa que a crença religiosa de uma nação estrangeira. Portanto, aceitar o cristianismo seria o mesmo que se submeter ao protetorado de um Estado alheio, renunciando à própria nacionalidade.

Profunda mágoa causam-nos relatórios recentemente publicados sobre a situação nas missões. Os objetivos ali almejados não parecem ser a propagação do Reino de Deus, mas

uma maior reputação para o próprio Estado... Não é assim que escreve um missionário católico que merece este nome. Não, antes se recordará sempre que em nenhum caso é um enviado de sua nação, mas um enviado de Cristo.

3. *Aquisição de uma sólida formação.* Antes de iniciar o seu trabalho apostólico, o missionário terá que se preparar a fundo, mesmo se ouvir opiniões que dizem que aquele que anuncia a povos totalmente incivilizados não precisa estar formado em tantas áreas do saber. Entre as disciplinas, que um missionário deve conhecer a fundo, figura em primeiro lugar a língua daquele povo a cuja salvação ele pretende dedicar-se."

c) Encíclica "*Rerum Ecclesiae*" (1926), do Papa Pio XI:

1. "A história da Igreja, atentamente estudada, revela que, desde os primeiros tempos da salvação recuperada, os papas romanos concentraram suas preocupações e seus cuidados na intenção de que cheguem a luz da doutrina evangélica e os benefícios da civilização cristã aos povos ainda "*sentados nas trevas e nas sombras da morte*" (Sl 106.10).

32. Vossos compatriotas têm, por assim dizer, os meios da salvação na mão deles e são menos afastados da salvação do que os gentios, sobretudo aqueles que ainda são selvagens e incultos.

36. Talvez nunca se refletiu bastante sobre os métodos usados e o plano que vigorava na origem da difusão do Evangelho e da fundação da Igreja de Deus em toda parte, entre os povos pagãos... Recordamos que consta claramente nos primeiros documentos escritos da cristandade primitiva como o clero, nomeado e educado pelos apóstolos para presidir a cada comunidade nova de fiéis, não foi trazido de fora, mas era eleito entre os nativos daquela mesma região. Pois, qual seria o motivo de fundar missões a não ser o de edificar e fundamentar firmemente a Igreja de Cristo naquelas vastíssimas regiões? E hoje em dia, de que deviam ser edificadas senão de todos aqueles elementos já conhecidos entre nós, ou seja, do próprio povo e do clero da sua região, assim como dos nossos religiosos e religiosas? Por que motivo impedir que o clero nativo trabalhe o campo de sua própria terra, isto é, dirija o seu próprio povo?

37. Portanto, não é somente o nosso desejo, mas antes a nossa vontade e ordem expressa que esta iniciativa, assim como já foi iniciada por alguns poucos ali e acolá, seja adotada por todos os superiores de missões, colocando-a sobre fundamentos já existentes. Pois, vós não deveis afastar nenhum nativo, esperançoso de chegar ao sacerdócio ou ao apostolado, contanto que seja movido por inspiração divina.

38... Quem julgar que tais nativos são seres inferiores ou de inteligência limitada comete um juízo errado. Portanto, não deveis suportar que sacerdotes nativos sejam considerados como membros de uma classe inferior, admitidos somente para serviços insignificantes, como se não tivessem o mesmo sacerdócio que os vossos missionários.

39... Em resumo, é-vos expressamente proibido desaconselhar ou recusar nativos que desejam entrar em comunidades religiosas tradicionais."



d) Encíclica “*Evangelii praecones*” (1951), do Papa Pio XII:

70. “Na nossa primeira Encíclica “*Summi Pontificatus*”, temos escrito o seguinte: “Há investigações e pesquisas muito numerosas feitas com sacrifícios e dedicação no decorrer dos tempos. Representam a obra de anunciadores da Palavra divina, tendo em vista facilitar a compreensão íntima e o respeito de bens culturais e seus valores espirituais para o melhor proveito para o anúncio da Boa Nova de Cristo de maneira viva e perto da vida. Tudo o que existe nos costumes e hábitos destes povos, que não seja misturado irreversivelmente com erros religiosos, será sempre examinado com benevolência e, sempre quando for possível, protegido e promovido.”

Em nossa alocução aos superiores das Obras Pontifícias das Missões, no ano de 1944, constatamos entre outras coisas: “O mensageiro e arauto da Boa Nova é um apóstolo de Jesus Cristo. Seu encargo não consiste em transpor e propagar unicamente a cultura europeia na sua forma atual a longínquos países de missões, assim como se costuma transplantar uma árvore. Antes, a formação e educação desses povos que, às vezes, se referem com orgulho à sua própria cultura muito antiga e valiosa, deve ser apresentada de tal modo que eles estejam bem preparados para assumir os princípios da moral e do estilo de vida cristã com agrado, transformando-a em ação”.

Esses princípios podem combinar com qualquer cultura profana, contanto que sejam sadios e puros. Podem até aumentar a sua influência para a proteção da dignidade humana e o alcance da felicidade. Mesmo se os católicos autóctones são, em primeira linha, filhos da grande família de Deus e cidadãos do seu Reino, não deixam de ser, ao mesmo tempo, cidadãos de sua pátria terrestre.”

e) Encíclica “*Princeps pastorum*” (1959), do Papa João XXIII:

“Acomodação ao mundo de valores nativos. Levando em consideração as circunstâncias que não são significativas para a educação espiritual e mental correta da nova geração de sacerdotes, mas sim para as necessidades gerais de povos individualmente e para a mentalidade deles, a Sé Apostólica exortou o clero estrangeiro e nativo a fazer estudos de missiologia...”

“Necessariamente, a formação deve abranger não somente a completa, ortodoxa e tradicional doutrina da Igreja, mas tem que abrir e aguçar também o espírito dos estudantes para que sejam capazes de avaliar a cultura pátria, sobretudo no que se refere à filosofia, à teologia e sua relação com a religião cristã...”

Porque bem sabem que a Igreja não se relaciona unicamente com uma só cultura, como se fosse a única adequada, e todas as outras, sem valor. Ela também não se entrega sem reservas nos braços da cultura europeia e dos povos ocidentais, apesar de ter laços muito estreitos com eles, como comprova a história. Pois a tarefa confiada à Igreja tem por objetivo a religião e a salvação eterna de todos os seres humanos.

A Igreja, que permanece sempre jovem e é constantemente renovada pelo sopro do Espírito Santo, continua sempre reconhecida e receptiva e chega até a ser uma animadora ativa para tudo que honra a humanidade mental e espiritualmente, mesmo quando isto acontece em outras partes do mundo que não têm sua origem na região mediterrânea, onde, - pela providência de Deus - teve seu berço” (cf. Palestra dada ao 2º Congresso Mundial de escritores e artistas de raça negra, Osservatore Romano, 03.04.1959, 1).

f) Carta Apostólica “*Evangelii nuntiandi*” (1975), do Papa Paulo VI:

20. “Importa evangelizar - não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade, e isto até às suas raízes - a cultura e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na Constituição *Gaudium et Spes*, a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus”.

O Evangelho e, conseqüentemente, a evangelização não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização, independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de impregná-las a todas sem se escravizar a nenhuma delas.”

g) Encíclica “*Redemptoris missio*” (1990), do Papa João Paulo II:

37 b) “*Mundos e fenômenos sociais novos*. As rápidas e profundas transformações que caracterizam o mundo de hoje, particularmente no hemisfério sul, influem decididamente no quadro missionário. Onde antes as situações humanas e sociais eram estáveis, hoje tudo está em movimentação. Pensemos, por exemplo, na urbanização e no maciço aumento das cidades, especialmente onde é mais forte a pressão demográfica. Em muitos países, mais da metade da população vive em alguma megalópole, onde os problemas do homem freqüentemente pioram, entre outras razões, por causa do anonimato em que ficam imersas as multidões.

Nos tempos modernos, a atividade missionária desenvolveu-se sobretudo em regiões isoladas, longe dos centros civilizados e inacessíveis por dificuldades de comunicação, de língua e de clima. Hoje, a imagem da missão *ad gentes* talvez esteja mudando: lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que, depois, influem na população. É verdade que a “escolha dos menos favorecidos” deve levar a não descuidar os grupos humanos mais isolados e marginalizados, mas também é verdade que não é possível evangelizar as pessoas ou pequenos grupos, descuidando os centros onde nasce - pode-se dizer - uma



nova humanidade, com novos modelos de desenvolvimento. O futuro das jovens nações está se formando nas cidades.

Falando de futuro, não é possível esquecer os jovens que, em numerosos países, constituem mais da metade da população. Como proceder para que a mensagem de Cristo atinja esses jovens não-cristãos, que são o futuro de inteiros continentes? Evidentemente, já não bastam os meios tradicionais da pastoral. São necessárias associações e instituições, grupos e centros específicos, iniciativas culturais e sociais para os jovens. Eis um âmbito onde os modernos movimentos eclesiais têm largo campo de ação.

Entre as grandes transformações do mundo contemporâneo, as migrações produziram um novo fenômeno: os não-cristãos chegam em grande número aos países de antiga tradição cristã, criando novas ocasiões para contatos e intercâmbios culturais, esperando da Igreja o acolhimento, o diálogo, a ajuda, numa palavra, a fraternidade. Entre os emigrantes, os refugiados ocupam um lugar especial e merecem a máxima atenção. Já são muitos milhões no mundo e não cessam de aumentar. Fogem da opressão política e da miséria desumana, da fome e da seca que assume dimensões catastróficas. A Igreja deve acolhê-los no âmbito de sua solicitude apostólica.

Por fim, lembramos as situações de pobreza, freqüentemente intoleráveis, que se criam em muitos países e estão, muitas vezes, na origem das migrações em massa. Estas situações desumanas desafiam a comunidade cristã: o anúncio de Cristo e do Reino de Deus deve tornar-se instrumento de redenção humana para estas populações.

c) *Áreas culturais ou areópagos modernos.* Paulo, depois de ter pregado em numerosos lugares, chega a Atenas e vai ao areópago, onde anuncia o Evangelho, usando uma linguagem adaptada e compreensível para aquele ambiente (cf. At 17,22-31). O areópago representava, então, o centro da cultura do douto povo ateniense e hoje pode ser tomado como símbolo dos novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado.

O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está unificando a humanidade, transformando-a - como se costuma dizer - na "aldeia global". Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos mass-media. Talvez se tenha descuidado, um pouco, este areópago... O uso dos mass-media, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho... mas é necessário integrar a mensagem, nesta "nova cultura", criada pelas comunicações modernas...

52. Desenvolvendo sua atividade missionária no meio dos povos, a Igreja encontra várias culturas, vendo-se envolvida no processo de inculturação. Esta constitui uma exigência que marcou todo o seu caminho histórico, mas hoje é particularmente aguda e urgente...

Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, simultaneamente, introduz os povos, com suas culturas, na sua própria comunidade, transmitindo-lhes seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe e renovando-as a partir de dentro.

Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é e um instrumento mais apto para a missão.

Graças a esta ação das Igrejas locais, a própria Igreja universal se enriquece com novas expressões e valores nos diversos setores da vida cristã, tais como a evangelização, o culto, a Teologia, a caridade; conhece e exprime, cada vez melhor, o mistério de Cristo, e é estimulada a uma renovação contínua...

53. Os missionários, provenientes de outras Igrejas e países, devem inserir-se no mundo sócio-cultural daqueles a quem são enviados, superando os condicionamentos do próprio ambiente de origem. Assim, torna-se necessário aprender a língua da região onde trabalham, conhecer as expressões mais significativas de sua cultura, descobrir seus valores por experiência direta...

As comunidades eclesiais em formação, inspiradas pelo Evangelho, poderão exprimir, progressivamente, a própria experiência cristã em modos e formas originais, em consonância com as próprias tradições culturais, embora sempre em sintonia com as exigências objetivas da fé. Para isso, especialmente no que se refere aos setores mais delicados da inculturação, as Igrejas particulares do mesmo território devem trabalhar em comunhão entre si e com toda a Igreja, certas de que só a atenção tanto à Igreja universal como à Igreja particular as tornará capazes de traduzirem o tesouro da fé na legítima variedade de suas expressões. Portanto, os grupos evangelizados oferecerão os elementos para uma "tradução" da mensagem evangélica..."





Exercício

1.

Descreva a cultura dos atenienses, assim como consta nos Atos dos Apóstolos (17,16-34);

Perguntas:

1. Como Paulo avalia esta cultura?
2. Existem paralelos nas modernas correntes espirituais?



Exercício

2.

Analisando a Encíclica *"Redemptoris Missio"*, 37 b)

Pergunta:

O que significa esta constatação para a inculturação?



Exercício:

3.

Analisando a *"Redemptoris missio"*, 37 c)

Pergunta:

O que significa o título que este texto recebeu: “Âmbitos da missão ad gentes”?



Exercício

4.

Usando os textos doutrinais supramencionados da Igreja:

Tarefa:

Procure recapitular a evolução espiritual entre estes documentos.



Exercício

5.

De que maneira, as Encíclicas se referem ao tema da “Missão”?

Perguntas:

1. Qual é a evolução que houve:
 - a) quanto ao valor das outras religiões?
 - b) quanto ao papel da Igreja?
2. Qual é o significado da seguinte frase: “Necessariamente, a formação deve abranger não somente a completa, ortodoxa e tradicional doutrina da Igreja, mas tem que abrir e aguçar também o espírito dos estudantes para que sejam capazes de avaliar a cultura pátria, sobretudo no que se refere à filosofia, à teologia e sua relação para com a religião cristã.”





Aplicações

V.

Aplicação

1.

Perguntas:

1. Você conhece outras filosofias e teologias além das ocidentais?
2. Quais?
3. Como é que esse conhecimento modificou ou aprofundou a sua relação para com a fé?



Aplicação

2.

Relendo a "*Redemptoris missio*", 37 c):

Perguntas:

1. O que é que você e sua comunidade pensam do fenômeno da "nova humanidade" e da evolução de seus modelos?
2. Tratando-se do novo "areópago": -
 - a) quais seriam as respostas concretas encontradas pela sua comunidade?
 - b) Que respostas seria ainda necessário procurar?
 - c) A quais respostas você poderia logo atender, em colaboração com outras pessoas?



Leia a história seguinte e dê a sua opinião, sobretudo no que se refere à parábola do “Bom Samaritano”.

Uma história (quase) verdadeira:

Carlos e Maria conheceram-se durante uma festa na faculdade. Ambos estudam Pedagogia Social e vêm de famílias católicas, em que há vários filhos. Responsabilidades assumidas cedo e considerações atenciosas para com seus irmãos mais novos, portanto, a aprendizagem de comportamentos sociais, foram determinantes para a escolha de sua futura profissão. Logo, os dois começaram a namorar e foram viver juntos num apartamento um pouco maior, destinado a estudantes universitários.

Este fato não ficou desconhecido dos seus pais, que os repreenderam duramente, pois não queriam aceitar que seus filhos vivessem “amigados”. Mas, como os dois não deram importância, os pais recorreram ao sacerdote encarregado da pastoral dos estudantes, pedindo que chamasse a atenção deles, exigindo que se casassem regularmente. O sacerdote, que conhecia o jovem casal, procurava acalmar os pais irritados. Isto eles não queriam aceitar de jeito nenhum; pois, como bons católicos, sabiam que um padre deve fazer tudo para conseguir que jovens, que vivem juntos, coloquem a sua vida “em ordem” diante de Deus e da Igreja.

Havia, porém, um fato que os pais desconheciam: Os dois jovens estavam recebendo uma bolsa de estudos que era suficiente, de tal modo que não eram obrigados a trabalhar durante as férias. Em vez disso, passaram suas férias a beira-mar, levando consigo dois jovens paraplégicos que mal podiam andar e eram quase totalmente deficientes. Claro que esta presença chamava atenção na praia. Mais de uma vez, tiveram que ouvir comentários no sentido de que era insuportável ter que conviver com gente inválida que estariam melhor numa clínica.

Ao ouvir este fato pela primeira vez, o sacerdote logo pensou na parábola do “Bom Samaritano”. Causava-lhe espanto constatar que os “bandidos” nesta história eram jovens sadios, bronzeados pelo sol e abastecidos de recursos. - Atualmente, o casalzinho já se formou, e eles trabalham como assistentes sociais numa “aldeia para crianças abandonadas”, tendo junto com eles os seus próprios filhinhos. (Othmar Noggler, OFMCap)



Perguntas:

1. Quais são as transformações culturais que esta história revela?
2. Que tipo de inculturação deveria acontecer aí?
3. Você conhece exemplos semelhantes?



Aplicação

4.

Leia a seguinte história:

“David, um homem de meia idade, está sentado diante do seu barraco, talhando um pedaço de raiz que havia encontrado perto do riacho quando levava as vacas para casa. Ele está contente. Em poucos dias, na lua nova, o seu filho, também chamado David, chegará para visitá-lo. O rapaz era o segundo de seus seis filhos. O pai bem que gostaria de tê-lo perto de si para ajudar no campo, porque o rapaz tinha jeito para ser um bom trabalhador na lavoura.

Mas o filho foi seguir uma outra vocação. Depois de freqüentar a escola da Missão, declarou ao pai que estava com vontade de ser capuchinho. E, de fato, conseguiu o que desejava. E agora, daqui a pouco, vai aparecer para fazer uma visitinha aos pais.

Há semanas, o filho já estava sonhando com suas férias de três semanas na roça, junto aos pais e os irmãos. Estava com saudades do cheiro de capim, do campo aberto, dos animais, da fogueira. Finalmente, o dia da partida chegou. O guardião, um europeu na idade de seu pai e amigo seu, deu-lhe dinheiro suficiente para a viagem que iria fazer no jipe da Missão, podendo até fazer um passeio com os pais. A viagem para casa durou 10 a 12 horas, por estradas de terra, características do interior. Mas o jovem sabia dirigir e conseguiu chegar mais cedo do que esperava.

As boas-vindas foram muito cordiais, e logo pai e filho estavam sentados diante do barraco, enquanto a mãe preparava a janta. Em silêncio, gozavam da mútua presença. Porém, num certo momento, o pai mostrou a sua camisa ao filho dizendo: “Veja só, como está gasta!” O filho não tinha reparado nada de especial e já queria protestar para dizer que a camisa ainda era boa. O pai, porém, repetia o seu comentário: “Veja como a camisa está gasta!”...

De repente, o jovem capuchinho ficou com vergonha. Tinha esquecido de trazer um presente! Primeiro pensou: o guardião devia ter-se lembrado disso! Mas, logo depois, sentiu que não era bem assim. A culpa era dele mesmo, porque não se tinha lembrado. Depois ficou longamente com o pensamento: *“Será que já não sou mais um africano, mas virei um branco por dentro?”* (Othmar Noggler, OFMCap)

Perguntas:

1. Será que você convive com irmãos ou irmãs de outras culturas?
2. Até que ponto a sua comunidade leva em consideração esse fato?
3. Até que ponto considera que seu próprio modo de ser é o único válido?



Em Português:

AA.VV.

Francisco na Ótica Latino-americana, Petrópolis, Sinfrajupe, 1991.

AA.VV.

A maneira franciscana de evangelizar, Petrópolis, Vozes-FFB-CFMB, 1996

AA.VV.

Nova evangelização e Formação à luz do carisma franciscano, em Cadernos Franciscanos 1, Petrópolis, Vozes-Cefepal, 1990.

AA.VV.

Instrumentos de Justiça e Paz, Petrópolis, CFMB, 2000.

Nilo Agostini

Evangelização – Contribuição Franciscana, Petrópolis, Vozes-FFB, 2000.

Em alemão e outras línguas:

Amaladoss, M.

À la rencontre des cultures. Comment conjuguer unité et pluralité dans les Églises? (Paris 1997)

Berger, P.L.

Auf den Spuren der Engel (Frankfurt 1970)

Berger, P.L./Lukmann, T.

Die gesellschaftliche Konstruktion der Wirklichkeit (Frankfurt 1969)

Bernhart, J.

Die philosophische Mystik des Mittelalters von ihren antiken Ursprüngen bis zur Renaissance (Munique 1922/Darmstadt 1974)

Bormida, J.

Cultura popular y Formación en América Latina: La Formación del Hermano Menor en América Latina (Santiago 1979) 109ss.

Congar, Y.

Christianity as Faith and as Culture. East African Pastoral Review 18 (1981) 304ss.

Cunin, A.M.

Acueillir la différence: Fraternité internationale. Les Franciscaines Missionnaires de Marie. Témoignages et interviews recueillis par M.T. de Maleissye et V. Bonnevie (Paris 1984) 15-19

Dussel, E.

El episcopado latinoamericano y la liberación de los pobres, 1504-1620 (México 1979),
Dedicatória

Frank, K.S.

Grundzüge der Geschichte des christlichen Mönchtums (Darmstadt 1975)

Gensichen, H.W.

Mission und Kultur. Gesammelte Aufsätze (Mogúncia 1985)

Gordan, P.

Evangelium und Inkulturation (Graz 1993)

Heilmann, A./Kraft, H. (edit.)

Texte der Kirchenväter. Eine Auswahl nach Themen geordnet. Vol. IV (Munique 1964)

- Agostinho, Von den gebotenen und herkömmlichen Gebräuchen in der Kirche, 54ss.
- Firmilian von Cäsarea, Brief an Cyprian von Karthago, 61
- Gregor der Grosse, 62ss.

Holland, K.

Mit den Massai unterwegs. Evangelisierung unter Afrikas Nomaden, Missionszentrale der Franziskaner (edit.) Série: Berichte, Dokumente, Kommentare, Cademo 9 (Bonn 1981)

Instructio Vicariorum Apostolicorum ad Regna Sinarum

Tonchini et Cocincinae proficiscentium 1659: Sacrae Congregationis de Propaganda Fide Memoria Rerum, 1622-1972, Vol. III/2 (Roma, Friburgo, Viena 1976) 697-704

ITE

Illustrierte Missionszeitschrift der Schweizer Kapuziner, Junho 1985, Nº 3 (*desta revista foram usados artigos de B. Fäh, O. Noggler, A.B. Sinaga, D. Wiederkehr*)

Lee, A.C.J.

Francis of Assisi and Chuang Tzu. A Comparative Study in Religious Consciousness: Ching Feng, Vol. XXVI (1984) 94-114

Lutzbetack, L.

Applied Missionary Anthropology (Techny 1, 1963)

Merton, T.

A montanha dos sete patamares. Autobiografia

Nacua, J.

The Problem with Inculturation. Our Lady of Lourdes Seminary (Lipa City 4216, Filipinas)

Noggler, O.

- 1492 und die Folgen. I. Grundmuster der Begegnung, II. Im Dienste beider Majestäten, III. Der Traum von einer indianischen Kirche: P. Gordan (edit.), Evangelium und Inkulturation (1492-1992) 153-178 (Graz, Viena, Colônia 1992).
- Nicht länger Filialen Roms: Mosquito Nº 3 (Bern 1995)
- Christlicher Glaube und Christentum - ihr Verhältnis zu einer indigenen Religion: G. Risse e outros (edit.), Wege der Theologie: an der Schwelle zum 3. Jahrtausend (Paderborn 1996)



Nunnenmacher, E.

Kultur: Lexikon Missionstheologischer Grundbegriffe, K. Müller/T. Sundermeier (edit.)
(Berlim 1987) 235

Perera, M.

Construire le Royaume. Fraternité internationale (veja A.M. Cunin) 21-24

Pieris, A.

Asien - welches Inkulturationsmodell? Orientierung 49 (1985) 102ss.

Rotzetter, A.

- Gott der mich atmen lässt (Friburgo 1985)
- Zwischen Afrika und Europa: Franziskus von Assisi: Gemeinsamkeiten, Alternativen, Chancen: Wissenschaft und Weisheit 39 (1976) 42-60

Rücker, H.

Afrikanische Theologie (Innsbruck 1985)

Sonntag, R.

Die Ursprünge der Börse, Handel unter Bäumen oder: keine Angst vor Blitz und Donner:
Future, Das Hoechst Magazine (3/97) 32-36

Süss, G.P.

Evangelische Präsenz unter den indianischen Völkern: Orientierung 49 (1985) 98ss.

The 4th Asian Major Superiors' Congress on Inculturation and BCC,

Inculturation under Asian Skies: Witness (Manila 1, 1981) N° 4, 24-71

Waldenfels, H.

- Religionen als Antwort (Munique 1980)
- Von der Weltmission zur Kirche in allen Kulturen: P. Gordan (edit.), Kirche Christi - Enttäuschung und Hoffnung (Graz 1982)

Frontispício:

São Francisco, por Bartholomäus Zeitblom, Museu Estadual de Württemberg, Stuttgart

Frontispício interior:

Peça central de um crucifixo. Ahenny, Irlanda

p.05: fotografia: Elisabeth Fuchs-Hauffen

p.06: fotografia: Vivant Univers, Namur – Camarões: Em vez de construir uma igreja, a celebração eucarística acontece na antiga praça dos sacrifícios feitos aos antepassados

p.09: Propagação do Cristianismo durante os primeiros séculos. De: Atlas der Weltreligionen

p.10: em cima: Descobrimento do Novo Mundo. Gravura de Theodor de Bry, 1594 – Colombo desembarca na ilha de Guanahani, em 1492

p.11: em baixo: Bernardino de Sahagún, Pintura de Cecil O’Gorman

p.12: A Virgem com o filho. Estátua indiana

p.14: Jesus com os fariseus e publicanos. Pintado sobre seda por Tun Ch’i-ch’ang, século XVII

p.15: Escultura de marfim, de Milão, século X – O “espírito mau” sai da sua vítima pela boca.

p.16: Bispo Otunga de Quênia, após sua entronização

p.17: em cima à esquerda: mzambi-nkis – A fusão de idéias cristãs e pagãs criaram o mزابinkisi no Congo

p.17: em baixo à direita: Amuleto da cruz – Assim como um viking pagão usava um amuleto do deus Thor, assim um viking cristão usava uma cruz como amuleto

p.18: Celebração em Chingola, Zâmbia. De: Das Zeichen, 10/88, fotografia: H. Chrisoph

p.20: O missionário Mateus Ricci SJ, no traje de um mandarim, com Paulo Ly, membro cristão da família imperial. Gravura do séc.XVII

p.22: Crucificação. Pintura de Matthias Kauage, Papua-Nova Guiné, 1990

p.25: Circuncisão de Jesus. Miniatura de um Livro das Horas, séc. XV, Biblioteca Nacional da Áustria, Viena

p.26: Desenho asiático

p.27: Chichicastenango, Guatemala. De: “Du”, 1/92, fotografia: Flor Garduño – Para agradecer pela boa colheita, os índios apresentam à Mãe Natureza água benta, incenso, milho e pétalas de rosas. Para todos os índios, o milho é um alimento especial, simboliza, portanto, a fecundidade, a riqueza e a bondade da natureza.

p.29: Francisco de Assis e seus irmãos entre pobres e leprosos. Pintura na casa dos Capuchinhos de Ifakara, Tanzânia. De: ITE, 5/91, fotografia: B. Föh



- p.29:** Francisco de Assis e seus irmãos entre pobres e leprosos. Pintura na casa dos Capuchinhos de Ifakara, Tanzânia. De: ITE, 5/91, fotografia: B. Fähr
- p.31:** De: Adveniat, 12/97, fotografia: J. Escher
- p.32:** Uma favela na Indonésia. De: ITE, 5/91, fotografia: Missio, Friburgo

Para refletir



Passado:

- Nós te agradecemos, Senhor,
porque fomos conquistados,
mas não vencidos.
- Nós te agradecemos,
porque nos tomaram os rios,
mas continuamos sendo
os rios e veias de nossos povos.
- Nós te agradecemos,
porque nos derrubaram,
mas não acabaram conosco.
- Nós te agradecemos,
porque nos espremeram como laranjas,
mas somos recipientes de água doce.
- Nós te agradecemos,
porque nos trouxeram o Evangelho,
mas fomos evangelizá-los.

Presente:

- Nós te agradecemos,
porque continuam nos perseguindo,
mas não nos alcançam.
- Nós te agradecemos, Senhor,
pois nos tomaram a Bíblia,
se enfeitam com ela e a queimam,
mas a tua Palavra não podem sujar.
- Nós te agradecemos, Senhor,
porque nos prendem em profundos cárceres,
mas o nosso espírito "Nahual" resurge.
- Nós te agradecemos, Senhor,
porque nos deixam dormir em cima da lama,
mas nos seus sonhos nós os assustamos.
- Nós te agradecemos, Senhor,



porque nos arrancam os olhos,
mas mesmo assim nós os olhamos na cara.
- Nós te agradecemos, Senhor,
porque eles nos esquartejam como galinhas,
mas continuamos íntegros.
Nós te agradecemos,
porque eles nos desfiguram,
tirando a nossa inteligência
e a pele dos nossos rostos,
mas nós brilhamos
como as estrelas de noite.
- Nós te agradecemos,
porque de verdade nos matam,
mas não conseguem chegar até o fim.
- Nós te agradecemos,
porque nos enterram ainda vivos,
mas estamos ressuscitando.
- Nós te agradecemos, Senhor,
porque nos dispersam entre outros povos,
mas nós nos tornamos sal da terra.

Conclusão

Obrigado pela tua presença
como um mistério entre nós.
Somos os mais pobres dos pobres,
mas somos também a sarça ardente
que não pára de queimar.
Por um motivo qualquer,
eles nos analisam e estudam,
mas não conseguem nos decifrar.
A tua presença entre nós
é como uma letra Maia
que ninguém entende:
Pobre, mas rico,
marginalizado, mas bem no centro,
morto, mas ressuscitado.

(Poesia do Pe. Ricardo Falla, SJ, na forma de uma Oração Eucarística da Ação Popular, maio 1985, no tempo da pior repressão na Guatemala).

Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia

Próximas lições a serem publicadas

19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana
- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo
22. "Como homem e mulher Ele os criou" – Um desafio franciscano
23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja